



Recortes de Imprensa

Dezembro 2009

apoio



Violência doméstica

O lado menos escondido deste drama

Deolinda, de 36 anos, foi assassinada em Silves, em Maio de 2009, pelo ex-companheiro, que usou uma caçadeira de canos serrados. Este é apenas um nome verídico, de um drama que não conhece barreiras de raça, religião, idade, nacionalidade, posição social ou grau de escolaridade: a violência doméstica.

A 25 de Novembro assinala-se o Dia Internacional Contra a Violência Contra as Mulheres. Um dia destinado a chamar a atenção para um problema que não dá sinais de abrandar, a violência no seio da família. O Terra Ruiva associa-se a esta chamada de atenção e foi investigar esta realidade no nosso concelho.

No ano de 2008, no Gabinete de Apoio à Vítima, em Faro, foram abertos 22 processos de violência doméstica relativos a vítimas oriundas do concelho de Silves. Mas estes números são apenas a ponta do iceberg. Nos gabinetes de Loulé e em Portimão, também foram atendidos casos vindos de Silves.

Maior, muito maior serão os casos de violência em que as vítimas se calam.

Os dados divulgados pela APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, recolhidos no Gabinete de Apoio à Vítima em Faro, revelam uma realidade correspondente ao que se passa por todo o país.

As vítimas, mais de 80 por cento, são mulheres, o grupo etário entre os 26 e os 35 anos é o mais atingido, a maior percentagem tem como escolaridade o 9º ano, a maior parte vive dos rendimentos do seu trabalho, numa família com modelo tradicional, composto por marido e filhos.

Os crimes são quase na sua totalidade, 90 por cento, praticados por elementos do sexo masculino, com destaque para o grupo etário entre os 36 e os 45 anos. As dependências desempenham um papel significativo, sendo que 30 por cento manifestam dependência do álcool. A maioria dos autores de crimes são casados, de nacionalidade portuguesa, e a maior percentagem estudou apenas até ao 9º ano. Mas 6,2 por cento frequentaram o ensino superior. A nível profissional, destaca-se uma percentagem significativa de desempregados, 16,2 por cento, sendo a maioria trabalhador da construção civil e de serviços.

A residência comum é normalmente o sítio escolhido pelos agressores para praticarem os seus crimes, 71,9 por cento, e as estatísticas mostram igualmente que a forma continuada de agressão prevalece face à não continuada, ou seja, 83,3 por cento dos agressores continuam a sê-lo durante muitos anos.

A violência doméstica assume variadas formas. A mais comum é a do tipo conjugal, exercida pelo marido/companheiro, mas no interior da família também há violência de pais para filhos e vice-versa, de ex-maridos e ex-companheiros e entre filhos. A violência tem graus diferentes, a mais frequente passa pelos maus-tratos físicos, mas também pelos maus tratos psicológicos, pela coação, difamação, injúrias, subtração de menores, violação da obrigação de alimentos, violação, abuso sexual e homicídio.

Em 2008, o Gabinete de Faro abriu 210 processos. Destes, 43,8 por cento resultaram em queixa apresentada às autoridades competentes como a GNR e PSP. De todos estes, até ao momento, registou-se apenas uma condenação.

Em 2009 morreram em Portugal, 26 mulheres vítimas de violência doméstica, com idade inferior a 35 anos.

A Maria

A Maria tem medo de ir para casa, confessa-me, enquanto troca a bata com que faz limpeza, pela roupa com que vai sair. A Maria é uma mulher com trinta e poucos anos, atraente, arranjada, com o cabelo com madeixas.

A Maria tem medo de ir para casa, porque tem medo do marido. Aqui, na vila, muitos conhecem o casal e

a sua história. O marido, funcionário de uma empresa de serviços, é violento e bate-lhe regularmente. Tudo serve de pretexto. Viu a Maria sorrir para um homem na rua. A Maria falou com pessoas no café. A comida não está quente, ou não está saborosa. A camisa não está bem passada. Bebeu demais no café.

Durante muito tempo a Maria viveu só no medo. Depois um dia, após uma sova mais forte, arranjou coragem de ir ao posto da GNR. Os guardas terão visto, como as amigas da Maria viram, a figura desgrenhada, as nódoas negras no rosto, as lágrimas e o terror pelo que pudesse acontecer à filha ainda criança. Mas aconselharam-na a não apresentar queixa.

Este episódio repetiu-se, até que Maria conseguisse apresentar queixa. Foram precisos muitos dias, alguns espancamentos e muita coragem. A amiga, em cuja casa se refugiou, passou a ser perseguida e ameaçada pelo marido da Maria. Até em locais públicos.

Assustada pela amiga, e com as ameaças cada vez mais



violentas do marido, Maria voltou para casa, ansiando o dia em que poderia ir a tribunal e quem sabe ver condenado o homem que transformava a vida da sua família num inferno. Com audiência marcada, Maria foi chamada pela advogada que o tribunal escolhera para a defender. A advogada – uma mulher – aconselhou-a a desistir da queixa. A perdoar... Que o marido ainda a matava, se ela continuasse com o processo.

A Maria perdeu o rumo. Sentiu-se enganada. Completamente desprotegida por aqueles que têm por missão proteger. Encurralada na sua própria casa, a temer pela sua vida, um dia em que o marido se descontrolasse mais do que o costume e a mandasse para o hospital, ou estendesse os maus-tratos à filha. Preocupada em não sorrir para ninguém na rua, em ter sempre boa e farta comida na mesa, a não revelar os seus sentimentos à noite na cama.

A Maria entendeu que muitas vezes a vítima da violência é que tem de justificar os seus actos, conseguir provar que nada fez para "merecer" esse castigo.

Desesperada, levando muito a sério as ameaças do homem com quem se casara, a Maria fugiu com a filha, para longe, para um país estrangeiro, aproveitando a ajuda de um familiar que se prestou a ajudá-la a recomeçar uma nova vida para a qual nada levou a não ser a sua filha, numa fuga que só teria sucesso se não houvesse o mínimo sinal que iria acontecer.

Penso muitas vezes na Maria, na sua filha. Esta acabou por ser uma história de coragem contra o medo. Mas



quantas, na escuridão dos lares, procuram um caminho? E de que forma está a sociedade, estamos nós, as amigas, as vizinhas, os familiares dispostos a defender a dignidade e a justiça?

P.B.

PSD contra violência sobre as mulheres

O Movimento das Mulheres Social Democratas do Algarve (MMSDA) empreendeu, nos últimos dias de Novembro, várias acções de rua,



Distribuição de folhetos em Silves

que também incluíram Silves, no âmbito da campanha "Basta de barbárie!", contra a violência doméstica.

Em Silves a campanha foi dinamizada por Sofia Cavaco, coordenadora do núcleo municipal do MMSDA, no dia 28 de Novembro que, juntamente com outros militantes do partido distribuiu no mercado municipal e ruas adjacentes o panfleto com o número nacional de apoio à vítima.

Antonieta Guerreiro, deputada à Assembleia da República e coordenadora distrital do movimento, realça que «o panfleto tem as dimensões de uma folha A5 e por isso é fácil de guardar na carteira junto dos documentos pessoais. Trata-se de um número que as vítimas deverão ter sempre perto de si e que a ele podem sempre recorrer em caso de necessidade».

Mendes Bota, parlamentar que se tem dedicado à causa do combate à violência contra as mulheres enviou às dinamizadoras do MMSDA a seguinte mensagem: "As últimas semanas têm-nos horrorizado, pela frequên-



Informar as mulheres é objectivo desta acção

cia e pela brutalidade dos homicídios de mulheres às mãos dos seus parceiros ou ex-parceiros. Desse facto, só poderemos extrair incentivo para continuar a dizer não à violência de género, sim ao direito à felicidade e à dignidade!"

Câmara de Silves apoia vítimas Violência de filhos contra pais bate recordes no concelho

Os conselhos de todas as associações e movimentos de apoio à vítima de violência, seja ela qual for, vão num sentido único: NÃO CALAR! Denunciar os maus tratos de que se é vítima é o primeiro passo, o essencial, para encontrar ajuda para resolver o problema.

No nosso concelho, a Câmara Municipal de Silves aderiu recentemente, em Maio deste ano, ao Projecto Gabinete Janela Aberta – Resposta Integrada na Violência Doméstica que está a ser desenvolvido a nível nacional, com o objectivo de sensibilizar para estas questões e para prestar ajuda às vítimas. Em Setembro, foram realizadas acções de sensibilização em várias freguesias e no departamento da Acção Social da autarquia existem técnicos habilitados a encaminhar as vítimas para os serviços adequados ao seu caso, nomeadamente o núcleo da GNR em Portimão, especializado no apoio à vítima, o NIAVE- Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas, estruturas

criadas em 2005, no seio da GNR, que atendem, com formação adequada, as vítimas de violência.

De acordo com as informações prestadas pela autarquia, a este serviço chegam muitas queixas de violência doméstica entre marido/ mulher, mas o concelho de Silves destaca-se nas estatísticas com outros dados: a violência de filhos sobre pais (idosos) atinge um elevado número de casos.

A quem se dirigir:

Linha Telefónica de Informação às Vítimas de Violência Doméstica: 800 202 148 (serviço anónimo e confidencial)

Autoridades: GNR, PSP, Ministério Público
Câmara Municipal de Silves- Departamento de Acção Social – 282 440 800 (geral)



> *Por consumir álcool em excesso e ter sofrido um acidente de viação, o arguido tornou-se violento.*

TRIBUNAL

BRAGA

Punido por violência doméstica

Um reformado foi condenado no Tribunal Judicial na pena única de 2 anos e 10 meses de prisão, suspensa por igual período, pela prática de um crime de violência doméstica. Por consumir álcool em excesso, agredia a esposa na presença da filha menor de ambos.

> **Luís M. Fernandes**

Durante vários anos, ela suportou as agressões físicas e verbais do seu marido, por pena dele. Além disso, ele era o seu marido "para o melhor e para o pior". Quando, vítima de acidente de viação, ele ficou paraplégico, foi ela quem, ao longo de 14 anos, lhe prestou os cuidados de higiene. Mas tudo mudou a partir daquele final de Março último.

O consumo exagerado de álcool e o ter sido vítima de um acidente de viação que o deixou na situação de inferioridade física — paraplégico — tornaram-no ainda mais violento não apenas contra ela, sua mulher, mas também contra a filha de ambos, nascida há uma década e meia.

Naquele último domingo do mês, tinha estado num café a ver futebol, regressando a casa já tolido por ter bebido. Enraivecido, descarregou insultos sobre a sua mulher e a filha de ambos. Aliás, não se importava de as mandar para o cemitério e ir para a cadeia, porque "lá come-se e bebe-se de graça". E atirou um copo que atingiu o braço de sua mulher.

As agressões de que foi sendo vítima a sua mulher não lhe provocaram apenas ferimentos pouco significativos, mas também mal-estar físico e psicológico.

Números da APAV

A propósito, recorde-se que a APAV — Associação Portuguesa de Apoio à Vítima — revelou recentemente que o número de processos de apoio da sua instituição "tem vindo a aumentar, contribuindo para uma maior visibilidade do problema".

O número de crimes de violência doméstica registados no 1.º semestre de 2009 subiu 9% face ao mesmo período de 2008.

E de um total de 7788 crimes em 2008, a APAV passou para um total de 8496 no 1.º semestre de 2009, acrescentou a mesma fonte, sublinhando que

crimes como os maus tratos físicos e psíquicos, ameaças/coacção, crimes sexuais no âmbito de relações de intimidade, entre outros, reflectiram um significativo aumento comparativamente ao ano passado.

Alterações à lei

Até 2 de Setembro de 1998, o crime de maus tratos era de carácter semi-público e para se proceder criminalmente contra o arguido/a era obrigatório proceder à respectiva queixa.

A partir de 27 de Maio de 2000, esse crime passou a ser de natureza pública, deixando de estar dependente de queixa por parte da vítima. Para que o caso vá para a frente, basta agora haver denúncia ou o seu conhecimento para o Ministério Público avançar com o processo.

No Código Penal sublinha-se que "quem, tendo ao seu cuidado, à sua guarda, sob a responsabilidade da sua direcção ou educação ou a trabalhar ao seu serviço, pessoa menor ou particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença ou gravidez", e "lhe infligir, de modo reiterado ou não, maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais, ou a tratar cruelmente (...), é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal".

E se dos factos atrás referidos resultar "ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos".

Depoimentos

Constituído arguido e levado a julgamento em Outubro último, o indivíduo a que se refere o caso em apreço, de 40 anos de idade, desmentiu parte das acusações contra si, mas confirmou ter, por diversas vezes, puxado os cabe-



ARQUIVO

Crimes de violência doméstica aumentaram nove por cento no primeiro semestre deste ano, segundo a APAV

los à sua mulher, de lhe ter dado algumas sapatadas e de lhe atirar com diversos objectos, mas só o fazia para se defender das agressões dela.

O seu depoimento foi, todavia, desmentido pelas declarações prestadas por sua mulher e pela filha de ambos.

Sentença

O tribunal concluiu que, com o seu comportamento agressivo, o arguido visou atingir sua mulher e a sua filha na honra, consideração social e integridade física, de forma a amedrontá-las, perturbando-as psicologicamente, de as humilhar, espezinhar, provocando-lhes um estado de medo, angústia e sofrimento físico e psicológico. Refira-se ainda o facto de o último acto praticado pelo arguido ter acontecido na altura em que entraram em vigor as alterações ao Código Penal e ao Código de Processo Penal — 4 de Setembro de 2007.

Consequentemente, o arguido foi condenado na pena única de 2 anos e 10 meses de prisão, cuja execução está agora suspensa por igual período.

O arguido foi também condenado a pagar as custas do processo.

Tráfico de Mulheres

GRUPO ESTAGIÁRIOS/AS UMAR-
AÇORES / MEP

O tráfico de Seres Humanos (TSH) é um fenómeno transnacional que tem por raiz as relações entre os países ricos e os países pobres, ou seja, relaciona-se com as desigualdades económicas que existem entre países.

O (TSH) é uma forma de escravatura moderna, em que as pessoas são transportadas de um país para outro(s), para fins de exploração sexual, laboral ou tráfico de órgãos.

Não é possível falar de tráfico de seres humanos sem nos debruçarmos primordialmente na relação que existe entre a migração e o trabalho do sexo. Segundo a Marcha Mundial das Mulheres, 90% do TSH é destinado à exploração sexual e tem maior incidência sobre as mulheres.

O fenómeno que aqui se trata abrange todas as dimensões socioculturais, pois as desigualdades de género, que conferem ao homem "domínio sexual" sobre a mulher e que associam a sexualidade ao poder sobre o corpo da

mulher, fomentam esta prática onde as mulheres são tratadas sem dignidade, respeito e segurança.

A prática do tráfico humano é, acima de tudo, um desrespeito pelos direitos fundamentais do Homem e da Mulher, do qual deriva a discriminação de género.

A Feminização da pobreza e os aspectos culturais

"A pobreza tem um rosto marcadamente feminino e o tráfico não é

O desvanecimento dos valores sociais e culturais é também um fenómeno que os traficantes têm usado a seu favor, pois a desvalorização da mulher enquanto ser humano expõe-na a uma maior vulnerabilidade

indiferente a esse facto. O tráfico alimenta-se da pobreza e das desigualdades sociais" (Leal e Leal, 2002: 55)

Este fenómeno é bastante comum a todas as sociedades, pois a taxa de desemprego incide sempre, ou quase sempre, em maior percentagem sobre as mulheres, o que pode ser facilmente constatado em alturas de crise, onde o sexo feminino é o primeiro grupo a ser dispensado das suas funções laborais, salvo raras excepções.

"Também em situações de crise económica são as mulheres as primeiras a ficar sem os seus empregos. (...) Obviamente que esta situação vai ao encontro de determinadas concepções tradicionais e estereotipadas sobre o papel da mulher nas sociedades que tem reflexo nas políticas governamentais" (Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual, 2008: 29).

Outro aspecto que contribui também para a feminização da pobreza é a grande taxa de mulheres a trabalhar sob condições de precariedade.

Estes são alguns dos factores que tomam a mulher no principal

alvo de pobreza socioeconómica, provocando nestas a vontade de partir em busca de melhores condições de vida para si e para os seus.

Contudo, não são apenas estes os principais factores que motivam e proporcionam a migração de forma ilegal e para fins sexuais. O desvanecimento dos valores sociais e culturais é também um fenómeno que os traficantes têm usado a seu favor, pois a desvalorização da mulher enquanto ser humano expõe-na a uma maior vulnerabilidade.

Tendo em conta estudos feitos pela UNICEF na Europa de leste, podemos afirmar que a esmagadora maioria das mulheres que migram conscientes de que vão trabalhar no ramo da prostituição, embora não saibam em que condições, pertencem a famílias desestruturadas: ou são mães solteiras/divorciadas, ou já exerciam esta actividade nos países de origem.

Muitas das mulheres que aceitam migrar sob formas menos transparentes vêm na emigração a única forma de sair da extrema pobreza em que vivem, sendo aliciadas a fazê-lo por histórias de sucesso, muitas vezes contadas por

mulheres.

"Os países Ocidentais são vistos como locais onde se tem acesso fácil e rápido à riqueza. Em vários países africanos, por exemplo, enviar as filhas para o estrangeiro é sinónimo de status socioeconómico e, por isso, acredita-se, por vezes, que vendê-las para serem levadas para o estrangeiro se traduz em maiores possibilidades de futuro para elas e para as famílias." (Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual, 2008: 29).

Perante este panorama, o Manifesto Feminista 2009 lançado pela UMAR e UMAR - Açores propõe "o reforço de estruturas de apoio para mulheres que são vítimas de tráfico" (...). "Maior divulgação do quadro legal junto das vítimas."

Finalmente destaca-se a nível normativo, em Portugal, o *I Plano Nacional Contra o Tráfico de Seres Humanos*, assim como o estudo realizado pelo CES publicado em 2008, edição da CIG: *Tráfico de Mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*.¹¹

«Mulheres não entendem logo que são vítima de violência»

APAV considera que permanência das vítimas de violência doméstica numa relação violenta está a diminuir

Por: JCLC | 04-12-2009 11: 26



A permanência das vítimas de violência doméstica numa relação violenta está a diminuir, embora estas ainda sofram vários maus tratos antes de denunciarem o crime às forças de segurança, considera o presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

João Lázaro comentou desta forma à agência Lusa o relatório da Direcção-Geral da Administração Interna (DGAI) segundo o qual a grande maioria das vítimas de violência doméstica que apresentou queixa às forças de segurança no primeiro semestre deste ano já tinha sofrido maus-tratos anteriores.

Para o presidente da APAV, a conclusão não surpreende e vai ao encontro da realidade que a associação conhece e sobre a qual trabalha. «A maior parte das vítimas não entende logo que está a sofrer violência doméstica, tendo em conta a complexidade emotiva e afectiva que a prende ao agressor», refere.

Blogue sobre este artigo

TWINGLY

Se comentar este artigo no seu blogue, o link aparecerá aqui.

Efectue o ping do seu blogue no Twingly para nós o encontrarmos.

Trata-se de «um ciclo vicioso, que muitas vezes perdura e significa crime atrás de crime», reconhece.

Este facto justifica, em parte, a permanência da vítima nas relações violentas, o que, sublinha João Lázaro, já está a acontecer durante menos tempo.



Televisão/Media

Campanha na televisão para prevenir contra os larápios

Os portugueses vão receber conselhos para "dificultar a vida aos larápios" que cobiçam os seus pertences. Numa campanha nacional a lançar em Janeiro, serão também recordados os apoios existentes a vítimas de crimes patrimoniais. Integrada num projecto mais abrangente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na área dos crimes contra o património, a campanha intitula-se "Se pode complicar, para quê facilitar?" e tem um objectivo preventivo e de informação "prática" sobre o que fazer em caso de crimes patrimoniais. Os últimos dados sobre criminalidade realçam a importância da criminalidade contra o património, "alguma dela já com níveis muito grandes de violência", como afirma o director executivo da APAV, João Lázaro. Há algum tempo não se

colocava o problema dos roubos de telemóveis entre os jovens, pois estes equipamentos não eram frequentes. Não era igualmente comum ouvir falar de assaltos ou burlas a idosos com o objectivo de "levar" dinheiro ou objectos de valor. O "carjacking" não era notícia nos jornais. O director executivo da APAV e coordenador do projecto salientou que as vítimas deste tipo de crimes, como roubos ou furtos, em casa ou na rua, sempre foram objecto do apoio especializado da associação. "Desde há algum tempo havia a ideia de focar uma campanha com carácter fortemente preventivo relativamente aos crimes contra o património", explica João Lázaro. O responsável referiu que estes crimes, "face ao que se conhece dos números oficiais do relatório anual de segurança interna, represen-

tam uma boa fatia da criminalidade em Portugal". O relatório referente a 2008 concluiu que os crimes contra o património continuam a representar a maior parte da criminalidade participada às autoridades portuguesas, atingindo 57 por cento do total. O aumento das situações reportadas reflecte as subidas nos crimes de furto em residência com arrombamento, escalamento ou chaves falsas ou de furto em veículo motorizado. No entanto, o documento refere tendências contrárias, de descida do número de participações, nas burlas para obtenção de alimentos, na extorsão ou nos furtos por esticção. "A campanha apela a uma participação dos cidadãos e a alguma mudança de atitude do ponto de vista preventivo. Como caminhar na rua, nas zonas mais iluminadas ou cuida-

dos na protecção da própria casa, [são] mensagens que têm de ser continuamente reforçadas e presentes, brincando e apelando ao humor", avança João Lázaro. Por outro lado, será transmitido "o que fazer para recuperar a confiança ou o que fazer de um ponto de vista muito prático quando a carteira ou a mala é roubada, o que fazer relativamente aos cartões, aos cheques. [São] dicas e conselhos de como ajudar a vítima de crime". Na área da segurança pessoal, a campanha privilegia dois grupos etários: "os jovens, com dicas muito específicas para os percursos habituais a pé, entre a escola e a casa, os transportes públicos, o telemóvel" e as pessoas idosas para "prevenções específicas", como a utilização do Multibanco. A iniciativa resulta de uma parceria ao abrigo da lei do mecenato com a agência de publicidade JWT Portugal, que concebeu a campanha, e a Prosegur Activa, empresa do sector da segurança privada que se associa como parceiro estratégico da APAV. Vai ser divulgada no final de Janeiro na televisão e na rádio, mas também serão distribuídos cartazes e folhetos com informação específica consoante o tipo de destinatário.





Todos/as juntos contra a violência doméstica

No passado 25 de Novembro, celebrou-se o Dia Internacional da Eliminação da Violência contra as Mulheres. Instituído pela Organização das Nações Unidas em 1999, este Dia pretende alertar as populações para este fenómeno, infelizmente demasiado frequente em todo o mundo.

Ao fim de dez anos, a luta para eliminar a violência contra as mulheres continua a fazer sentido. Na verdade, nunca é demais puxar este assunto, porque infelizmente os casos continuam a suceder-se, perto e longe de nós. Segundo dados da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o número de crimes de Violência Doméstica em Portugal aumentou 9% no 1º semestre de 2009 face ao de 2008, havendo o registo de 8496 crimes nos primeiros seis meses deste ano. A nível internacional, cerca de 70% das mulheres em todo o mundo sofrem, durante a sua vida, algum tipo de violência, física, sexual e psicológica, perpetrada por um homem.

Os números, a maior parte das vezes assustadores, não querem dizer necessariamente que os crimes aumentaram, antes reflectem uma maior consciência do problema e uma maior capacidade de denúncia. É por isso que, todos os dias, as nossas vozes se devem juntar contra este flagelo.

Falar, intervir, não calar é desocultar este fenómeno, demasiado comum também em Portugal. Quantos e quantas de nós já testemunharam ou sabem de alguém que foi vítima? Quantas de nós poderão ainda esconder uma situação dessas nas suas vidas, passadas e presentes? A violência contra as mulheres é uma realidade evidente aqui, como mostram as notícias recentes, mesmo sendo crime, aliás um crime público. Noutros pontos do Mundo, nem sequer é crime, antes hábito instituído e aprovado pela sociedade.

Temos de fazer a nossa parte. Dizer basta! Nunca olhar para o lado, nunca esperar que passe por si só. Por todas as mulheres que morreram, sofreram e sofrem. Por todas as mulheres, que vivem no permanente medo, desejando apenas a normalidade e o fim da constante ameaça. Por todas as mulheres que virão.

Hoje, há cada vez mais mulheres e homens no nosso país que fazem do seu trabalho uma luta diária contra estas situações, acompanhando vítimas e desocultando situações, prevenindo e mudando mentalidades. Mas todos podemos fazer uma parte. Cabe, em muitos casos, ao cidadão e cidadã comum gritar "Basta!", porque ninguém deve ficar sozinho quando vive uma situação de violência.

A Equipa do Projecto Bem Me Quero



Parceiros do Projecto:

SEIES - Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social (entidade promotora e executora); APAV; Câmara Municipal de Setúbal; ISS; REAPN; UMAR.

Contactos:

Morada: R. Gil Vicente, N°8, 2910-088 Setúbal
Telef: 265 547 840 | 961036725

Fax: 265 547 849

E-mail: contacto@bemmequero.org

Site: www.bemmequero.org



Em cima, Sofia Aparício representa o quadro vivo da violação no sentido mais lato da palavra. Em baixo, a manequim Telma Santos aludindo ao caso das mulheres de classe alta vítimas de violência doméstica



Ao lado de outras figuras públicas, SOFIA APARÍCIO alerta para a violência sobre as mulheres com uma instalação de moda na Estação do Rossio

“Toca todas as classes e idades, e a vergonha é uma das culpadas pela impunidade de quem agride,, Sofia

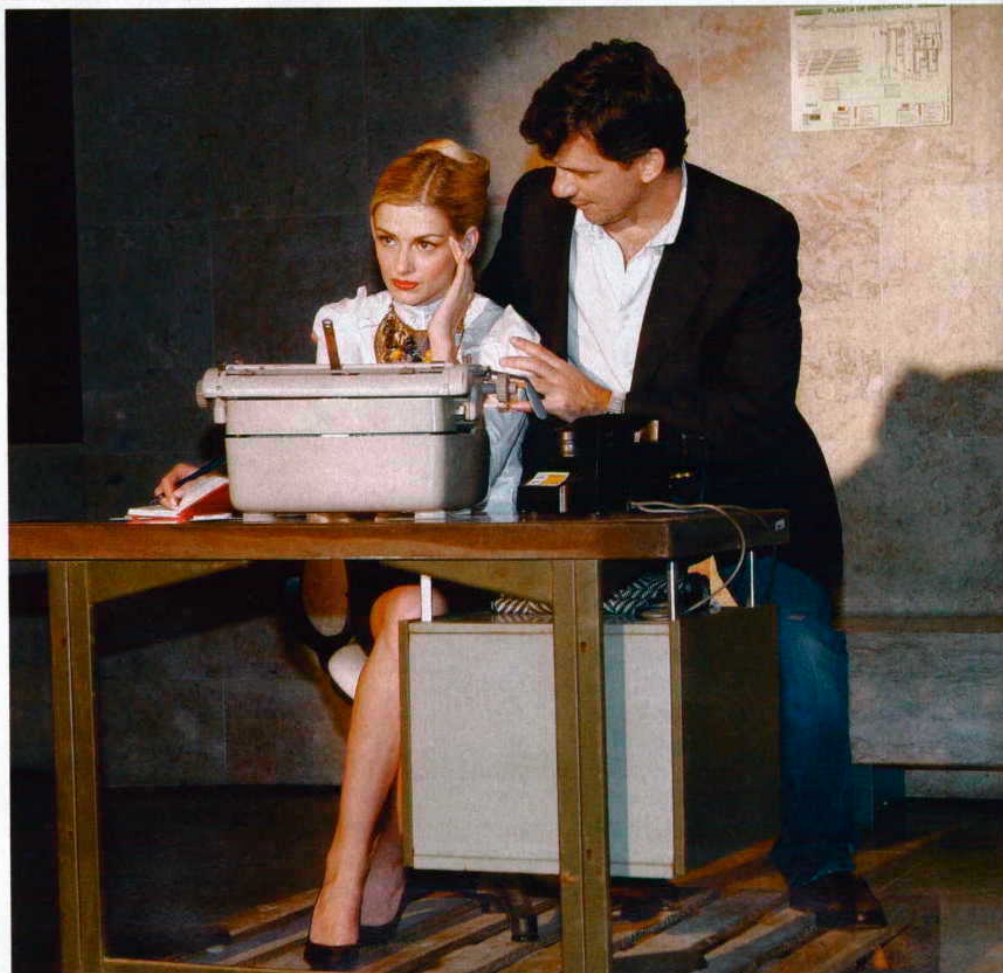
Comparando com a realidade do primeiro trimestre de 2008, a violência sobre as mulheres aumentou 9%.” As palavras são da apresentadora Raquel Strada, que nem hesitou quando foi convidada para participar na iniciativa organizada por Sofia Aparício e Paulo Gomes para relembrar as vítimas da violência. No dia 25 de Novembro, Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres, a estação do Rossio, em Lisboa, transformou-se para receber uma instalação de moda *sui generis*. Contrastando a beleza da moda com o horror da violência, foram criadas 10 situações, quadros vivos, que representam vários tipos de violência contra as mulheres. Entre eles, os mais comuns, como a violência doméstica, o tráfico de mulheres, a mutilação genital, a violência sexual, o assédio sexual, os casamentos forçados e a violência verbal. E foi com a intenção de ‘desmaquilar’ uma realidade dura de enfrentar que Sofia Aparício, que na instalação representa uma mulher vítima de violação, deu a cara por este projecto. “Os números da violência contra a mulher são assustadores e envolvo-me nas causas em que acredito. Por duas ou três vezes na minha vida, já convivi com situações destas e é claro que não desisti enquanto essa pessoa não ficou numa situação melhor. Senti-me ofendida!



Acho que é a melhor definição para descrever essas situações que acompanhei", afirmou. A antiga manequim lembrou ainda que, quase sempre, "tudo começa pela violência psicológica e pela manipulação, fazendo com que as pessoas se sintam um zero à esquerda, com baixa auto-estima... A vergonha é uma das grandes culpadas pela impunidade de quem agride. A violência sobre as mulheres toca todas as classes sociais e idades", defende. Outra figura pública que se envolveu nesta acção foi

"Infelizmente, já vivi de perto situações destas e para quem está de fora é muito complicado. Há uma sensação de enorme impotência,, Flor

Em cima, Inês Castel-Branco alerta para a tradição dos casamentos forçados, ainda presente em muitas sociedades. Ao lado, a manequim Flor e José Moutinho ilustram o assédio sexual no trabalho



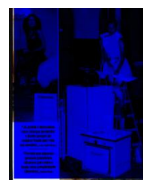


Em cima, à esquerda, Liliana Santos, num retrato da violência psicológica no dia-a-dia de uma mulher de família. Ao centro, Lúcia Custódio representa o tráfico de mulheres, e à direita, Raquel Strada retrata a violência física entre portas

Inês Castel-Branco que personificou a violência dos casamentos forçados. "Há pouco tempo vi um documentário sobre uma comunidade cigana e o que mais me impressionou foi ver uma miúda de 17 anos a ser obrigada a casar. Quando soube que este quadro me ia calhar, foi muito fácil pensar nela e representá-la. É de uma enorme violência", afirma. E sabendo que a violência sobre as mulheres é um problema transversal, que afecta todas as classes sociais e idades, Inês Castel-Branco não esconde que, infelizmente, já lidou com esta realidade de perto, situações que lhe provocaram sempre "uma sensação de impotência, revolta e pena. Já assisti a discussões violentas com crianças presentes e tenho sempre de respirar fundo para não me envolver...", conta. No entanto,

apesar de os números não pararem de aumentar, a manequim e actriz acredita que "as mentalidades estão a mudar devagarinho". Quem também não tem dúvidas sobre a importância de mais acções como esta é Raquel Strada, que personificou a mulher vítima de violência doméstica: "É uma causa muito nobre, uma vez que a violência doméstica aumenta de dia para dia e se não fizermos nada em relação a isso, as coisas continuam a acontecer. Até porque, na maior parte dos casos, tudo acontece entre portas. Senti que esta era a forma que tinha de ajudar, de alertar para este problema e percebi que havias pessoas que passavam e olhavam para mim e que sabiam exactamente do que se estava a falar. Havia ali uma cumplicidade silenciosa... Esta acção mexeu muito comi-

go", confessou. "A iniciativa choca um bocadinho, mas o objectivo é mesmo esse. É preciso alertar para esta realidade e a mensagem tem de chegar às pessoas para que tomem consciência da gravidade", defendeu a manequim Flor, que representou uma vítima de assédio sexual no trabalho. E usando as palavras de Raquel Strada, quase todos concordam que "o medo de serem apanhadas e a vergonha de que os outros saibam é que permitem que aquilo se passe. E, depois, porque muitas vezes continuam a amar aquelas pessoas e acreditam que elas vão mudar" continuam a ser as maiores razões do silêncio de uma violência que todos os dias faz mais uma vítima. ■



“Já assisti a discussões com crianças presentes e tenho sempre de respirar fundo para não me envolver,, Inês Castel-Branco

“Percebi que algumas pessoas passavam, olhavam para mim e havia uma cumplicidade silenciosa,, Raquel Strada



OPINIÃO

Violência doméstica

Rosa Maria P. Meneses*► Especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica
Secção Regional do Centro da OE*

Celebrou-se no dia 25 de Novembro o Dia Mundial para a Eliminação da Violência contra as Mulheres e no próximo dia 10 de Dezembro comemora-se o Dia Mundial dos Direitos Humanos. Esta associação fez-me reflectir sobre violência doméstica uma vez que, para além de ser um atentado à dignidade da pessoa humana, é considerado um crime público.

Todos os anos são registados milhares de casos de violência doméstica. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) o número destes crimes aumentou 9 por cento no 1.º trimestre deste ano face ao mesmo período de 2008. A comunicação social, recentemente, só numa semana noticiou o assassinio de cinco mulheres, na sequência de episódios de violência doméstica.

É um problema transversal a toda a sociedade, independentemente da opção religiosa e estrato social, económico e cultural.

Os homens também são vítimas deste tipo de violência, mas as mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência são as mais notificadas. O domicílio é o local mais referenciado, apesar de não se circunscrever a esse espaço. O marido/companheiro – ou ex –, os progenitores e os descendentes são os principais agressores, dependendo do tipo e natureza das relações.

Uma pessoa é vítima de violência doméstica quando é sujeita a qualquer comportamento, directo ou indirecto, que culmina em sofrimento físico, sexual, psíquico ou económico e isolamento social.

A vítima é punida ou humilhada ao ponto de diminuir a sua auto-estima e colocar em causa as suas capacidades físicas ou intelectuais.

É o resultado de uma relação assimétrica de poder, criando-se uma situação de submissão da qual é difícil libertar-se.

A violência doméstica pode entrar num ciclo em que numa primeira fase existe um aumento de tensão, seguida pela agressão e depois a fase de conciliação em que o agressor manifesta arrependimento e faz chantagem emocional. A vítima quer acreditar e desculpabiliza o agressor. Efectivamente, ele não muda e a situação entra num ciclo, repetindo-se sucessivamente. O álcool e a droga podem agravar a violência, mas não a explica nem desculpabiliza.

Mesmo sem apresentar sinais externos de agressão, a situação deve ser denunciada a qualquer entidade: PSP, GNR, Polícia Judiciária ou no Ministério Público.

Se sentir medo de denunciar o agressor às autoridades deve procurar auxílio num hospital ou centro de saúde, o seu médico e enfermeiro vão ajudá-la. A equipa de saúde deve ter uma actuação diferenciada para identificar estas situações e dar uma resposta adequada.

A vítima, qualquer outra pessoa ou entidade, pode denunciar este crime, de uma forma anónima.

Não consinta ser agredida, nem que tenha de começar tudo de novo. Acredite em si. Exponha o problema a uma pessoa em quem confie e que possa apoiar e ajudar a solucionar o problema.

Existem diversas associações e organizações de atendimento, acompanhamento, apoio e de encaminhamento da vítima, inclusive acolhimento temporário. Reconheça a sua condição de vítima e os seus direitos, procure ajuda, ainda pode ser feliz e viver com dignidade.

■ 'CRIANÇAS EM RISCO' EM DEBATE EM PONTA DELGADA

Situações de stress e agressividade atiram as crianças para a depressão

No colóquio 'Crianças em Risco' estiveram em discussão várias problemáticas relacionadas com os mais jovens, entre as quais a obesidade, o stress, o abuso sexual e a violência doméstica. Alunas do Curso Técnico de Apoio à Víctima aproveitaram a ocasião para apresentar alguns trabalhos realizados sobre os temas, com breves esclarecimentos do especialista em dietética, Hugo Medeiros, e da psicóloga Isabel Lourenço.

Fátima Ferreira

O colóquio 'Crianças em Risco', que teve lugar, ontem, na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, reuniu vários alunos, entre os quais, alunos do Curso Técnico de Apoio à Infância que estiveram a apresentar diversos trabalhos, ocasião em que estiveram em debate várias problemáticas relacionadas com as crianças e jovens.

O dietista Hugo Medeiros, do Centro de Saúde da Ribeira Grande; a psicóloga Isabel Lourenço, da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Víctima, e José Cabral, professor formador e organizador do evento foram os oradores presentes no colóquio, com a aluna Sofia Câmara como moderadora.

Na mesa começaram por estar temas relacionados com a obesidade infantil, incluindo uma apresentação de uma peça de teatro por algumas alunas do Curso Técnico de Apoio à Infância, mostrando como o problema da obesidade se desenrola nas escolas e como, muitas vezes, foge ao alcance dos pais.

Quanto ao tema, o dietista Hugo Medeiros apontou para a necessidade de haver uma educação conjunta entre os pais e a escola, de modo a incutir nas crianças os melhores hábitos alimentares, mostrando que a presença dos pais influencia, de certo modo, o comportamento das crianças.



21% das crianças dos Açores são obesas e é um dos motivos que põe também as crianças em risco

Obesidade na infância

Numa altura em que a nível nacional 32% das crianças são obesas e a nível regional 21% tem excesso de peso e outros 21% tem obesidade, Hugo Medeiros referiu que também há que haver uma consciencialização por parte dos pais de que as crianças imitam tudo aquilo que vêem e, por isso, se não existem hábitos alimentares saudáveis em casa dificilmente a criança os terá, quer em casa quer na escola.

No entanto, o dietista considera que

se deve "encarar o problema de forma positiva" pois, parte das vezes, há uma rejeição por parte dos colegas na escola, obrigando a criança a se isolar, tornando o processo mais difícil.

Outro dos temas abordados no colóquio foi o stress na criança. Também sobre este assunto algumas alunas do Curso Técnico de Apoio à Infância apresentaram trabalhos, explicando em que consiste o stress e quais os principais sinais para os quais os pais devem estar alerta.

O stress nas crianças pode ser causado por constantes mudanças de residência, separação dos pais, morte de um familiar ou rejeição por parte dos colegas. Estes factores podem originar vários sintomas que denunciam um quadro de stress infantil, tais como, dores de barriga, distúrbios do sono, tremores frequentes, tristeza, choro exagerado, baixa auto-estima e baixo rendimento escolar, entre outros. Essas situações de stress, incluindo o comportamento agressivo, podem levar a um cenário de depressão.

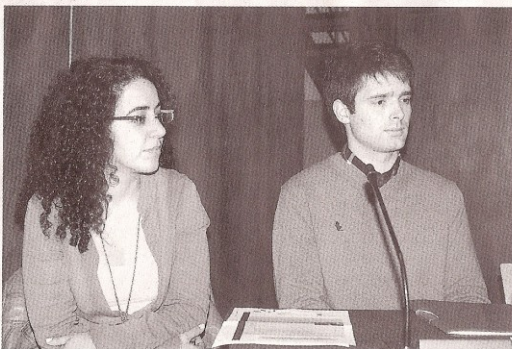
Na resolução do problema, e segundo o que as alunas explicaram no trabalho, deve estar o carinho e a tenção, detectando o problema o quanto antes para que haja uma solução eficaz.

Segundo a psicóloga Isabel Lourenço, o stress nas crianças pode ser originado também pelos problemas de peso, em que a criança "gordinha" é automaticamente rejeitada e isola-se. Em

relação à separação dos pais, a psicóloga considera que a criança não deve ficar, necessariamente, stressada com a separação. Isabel Lourenço chega a referir que já existem diversas maneiras e especialistas que ajudam a ultrapassar estas situações. Como tal, a psicóloga considera relevante que haja também alguma sensibilidade por parte dos pais em explicar à criança o que é que se está a passar.

Quanto à questão do abuso sexual, tema também ilustrado com uma peça de teatro, a psicóloga explicou que a criança abusada depara-se, muitas vezes, com o problema: 'será que vão acreditar em mim?'. Sobre este facto, Isabel Lourenço referiu que torna-se complicado para os pais acreditarem na criança. A criança abusada, geralmente, não fala abertamente sobre o abuso, sendo que muitas vezes está sob ameaça do agressor.

A violência doméstica foi outro dos temas discutidos, incluindo um vídeo feito também pelas alunas, para mostrar como a criança sofre num meio familiar violento. A criança vive com um medo frequente, torna-se nervosa e baixa o rendimento na escola. Conforme o que era explicado no vídeo apresentado, por vezes, o que leva à violência são os ciúmes, a dependência do álcool ou de estupefacientes, entre outros factores, em que a criança é apanhada no meio. Nesses casos, denunciar o quanto mais cedo possível é fundamental.



Isabel Lourenço e Hugo Medeiros no Colóquio "Crianças em Risco"



ID: 27923933

09-12-2009

Montijo

Workshop sobre violência contra as mulheres

A Câmara Municipal de Montijo vai realizar amanhã, pelas 14 horas, o workshop intitulado “A Violência Contra as Mulheres: Uma Perspectiva Multidimensional”, na Escola Profissional de Montijo.

A sessão de abertura contará com a presença de Maria Amélia Antunes, presidente da Câmara Municipal de Montijo, e de Elza Pais, secretária de Estado da Igualdade.

O primeiro painel intitulado “A visão técnica de quem está no terreno” será moderado por Maria Clara Silva, vereadora da Câmara Municipal de Montijo, e terá como convidados Raquel Vieitas Cardoso, vice presidente da Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV), Cátia Rodrigues, directora técnica da Casa Abrigo Alcipe, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e Maria Bibas Vianna Pereira, psicóloga clínica do Centro Atendimento Mulher (CAM).

“Os diferentes contornos da violência contra as mulheres” será o mote do painel da segunda parte deste Workshop moderado por João Martins, presidente do Conselho da Administração da Associação para a Formação Profissional e Desenvolvimento do Montijo.

Isabel Maria Estrela, vice-presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, abordará a questão “Os novos contornos jurídicos da problemática da violência”. Por sua vez, Rui Cortez, assessor técnico da Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica (UAVIDRE) falará sobre o tema “Violência contra as mulheres imigrantes” e Margarida Saco do Núcleo para a Prevenção da Violência Doméstica e Violência de Género abordará a “Violência doméstica no namoro”.



Queixas de violência doméstica aumentaram para 80 por dia

Participações cresceram 12 por cento nos primeiros seis meses do ano em relação a 2007. Rede nacional de casas-abrigo ainda é insuficiente

● Nos primeiros seis meses do ano, a PSP e a GNR registaram, em média, 80 participações de violência doméstica por dia, mais 12 por cento do que em igual período do ano anterior, adiantou a secretária de Estado

da Igualdade, Elza Pais. A média de participações, no ano passado, foi de 77. Quase dez anos depois de ter sido aprovada a lei que converteu a violência doméstica num crime público, e que previu a criação de uma rede de

casas-abrigo e de centros de atendimento para mulheres e crianças, o interior continua muito a descoberto. Neste momento, o país conta com 36 casas-abrigo. Não chega, dizem organizações não governamentais. Elza

Pais afirma que “as casas que vierem a ser construídas terão de o ser no interior”. Mas, agora, está “a priorizar outros equipamentos, como centros de acolhimento de emergência - já há um em Lisboa”. → Portugal, 6/7



A violência doméstica não acontece só em Novembro



Catarina Marcelino
Presidente Mulheres Socialistas Setúbal
e Deputada da Assembleia
da República



No dia 25 de Novembro comemorou-se o 10º aniversário do Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, decretado pelas Nações Unidas em 1999. A violência doméstica é um flagelo que assola a sociedade portuguesa de modo silencioso e endémico. Não sabemos quantas mulheres e crianças, todos os dias, vivem sob ameaça de um agressor violento. Mas sabemos que nos últimos anos, a violência doméstica ganhou uma nova expressão na agenda política e na consciência social do país, demonstrada pelo aumento exponencial das queixas na GNR e PSP, pela especialização das forças de segurança, pela classifi-

cação do crime como crime público, pela integração do crime de violência doméstica, com epígrafe própria, no Código Penal e pela nova "Lei da Violência" publicada em Setembro deste ano. Mas apesar de todos os avanços, os números de mortes continuam a assombrar, a poluir e a envergonhar a nossa sociedade. Este ano, partindo dos dados do Observatório da UMR que se baseiam em notícias de jornal, o que nos leva a pensar que os números podem ser ainda mais assustadores, morreram às mãos dos agressores 28 mulheres, número que ano passado atingiu as 46. No dia 24 de Novembro, a convite das Mulheres Socialistas e do

Movimento Homens Contra a Violência, esteve em Setúbal a coordenadora do Projecto REBECA da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Dra. Rita Braga da Cruz, que apresentou o relatório dos primeiros resultados relativos à análise da tramitação de 20 processos-crime em que foram ofendidas mulheres acolhidas em casas abrigo. As primeiras conclusões a que o estudo chegou, e que aqui destaca, foram o tempo demasiado longo de inquérito, que é de cerca de 12 meses e o facto de nos processos analisados as medidas de coação aplicadas terem sido, na maioria dos casos, termo de identidade e residência, sendo o afastamento do agressor só decretado aquando da dedução de acusação. Estes resultados, como é evidente, demonstram que as mulheres são obrigadas a fugir e a esconder-se durante o período de inquérito e muitas vezes par lá dele, enquanto o agressor espera em casa com total liberdade de acção. Lembro que muitas das mortes deste ano foram de ex-

companheiros e em muitas situações com queixas apresentadas. A nova "Lei da violência" em vigor desde Setembro, possibilita a redução do período de inquérito já que este crime passa a ter

O caso de Manuela Costa que chocou o país há duas semanas morta pelo ex-companheiro, dentro duma ambulância com a filha no colo, tendo o assassino, de seguida, morto um polícia e

"O caso de Manuela Costa que chocou o país há duas semanas, morta pelo ex-companheiro, dentro duma ambulância com a filha no colo, tendo o assassino, de seguida, morto um polícia e ferido outro dentro da esquadra, é um alerta, que teve custos muito elevados, de que é preciso punir de facto os agressores e tratá-los, sem apelo nem agravo, como os criminosos e assassinos, perigosos e violentos que são".

natureza de urgência, agilizando prazos e actos processuais, permitindo ainda que o agressor seja detido fora de flagrante delito. Mas não chega legislar, não chega criar casas abrigo, não chega comemorar dia 25 de Novembro.

ferido outro dentro da esquadra, é um alerta, que teve custos muito elevados, de que é preciso punir de facto os agressores e tratá-los, sem apelo nem agravo, como os criminosos e assassinos, perigosos e violentos que são.



Concerto
CoLeGaS no Espaço APAV
Hoje, às 19h, o Espaço APAV & Cultura promove um concerto com o CoLeGaS - Coro de Lésbicas, Gays e Simpatizantes.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



MAFRA ■ VÍTIMA ESTÁ INTERNADA NO SANTA MARIA

Homem dá três tiros na mulher

■ Tentou contratar homem para matar Paula. Ela foi avisada e ele assumiu o crime pelas suas mãos. Está preso

● HENRIQUE MACHADO/
/MAGALI PINTO

Paula Santos sabia que podia morrer a qualquer hora. Há pouco mais de uma semana que a mulher de 42 anos sentia a vida por um fio. Tinha sido avisada pelo homem que o ex-marido, Graciano, de 50, tentara contratar para a matar. Como o homem recusou cometer o crime, o ex-marido - que acreditava que Paula andava com "outro" - tomou a "missão" em suas mãos. Segunda-feira, ao final da tarde, esperou por Paula na Quinta Casal da Cerca, Azueira, Mafra. Agachado e escondido num arbusto, de caçadeira em punho.

Eram 18h00 e o sossego daquela pequena freguesia foi quebrado pelos três disparos. Apenas um acertou: na cara e ombro de Paula, empregada de limpeza. Os outros dois ficaram alojados no pára-brisas do carro em que a mulher regressava a casa, depois de um dia de trabalho. A vítima está agora internada no Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Livre de perigo.

Sozinha e ferida com gravidade, a vítima pegou no telemóvel e avisou Samuel, o filho mais velho, bombeiro em Mafra. Este, apesar do nervosismo, conseguiu pedir ajuda e accionar os meios de socorro. O INEM chegou ao local e a mulher estava consciente.

"Quando ouvi os disparos telefonei logo ao Graciano e perguntei-lhe se ele tinha feito alguma asneira. Achei tudo muito estranho, porque a Paula tem a quinta toda iluminada e anteontem estava tudo às escuras", contou ao CM um vizinho, ainda incrédulo.



■ **Marcas.** Paula vive sozinha na Quinta Casal da Cerca, em Mafra. Ontem ainda eram visíveis as marcas do socorro.

■ **Medo.** Ao que o CM apurou junto de alguns vizinhos, Paula Santos tinha medo de estar em casa e, por isso, iluminou toda a parte de fora da habitação



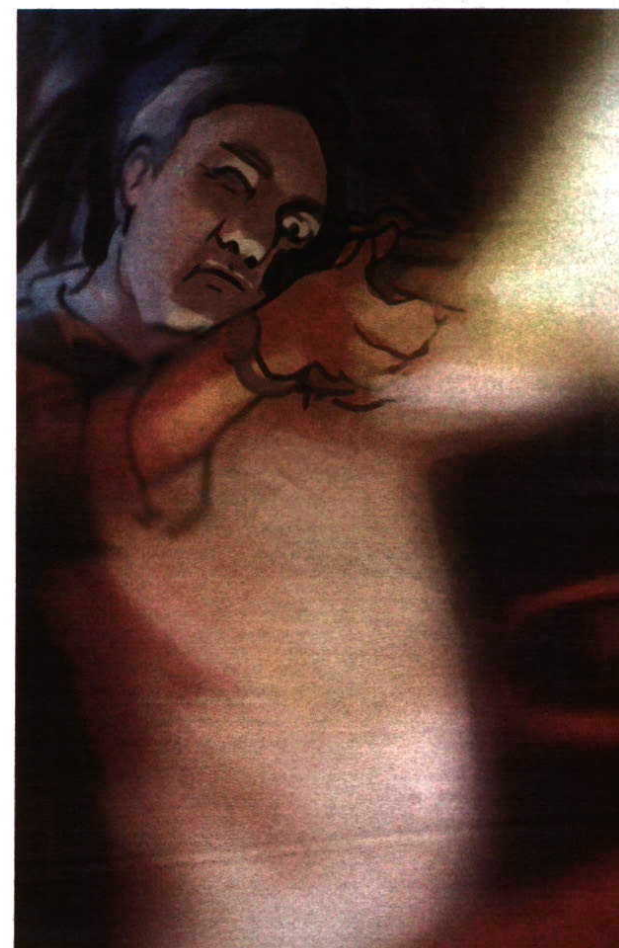
Atingida, conseguiu ligar ao filho bombeiro para a ajudar

Com sangue-frio, o agressor respondeu que não sabia de nada e que ia perguntar aos filhos se estava tudo bem. Ainda não tinha feito uma hora desde que o construtor civil tinha atacado Paula quando foi detido pela Polícia Judiciária. É presente hoje a tribunal.

"Qualquer dia dou três tiros: dois nela e um em mim", dizia Graciano diversas vezes nos cafés,

onde passava grande parte dos dias, devido à falta de trabalho. Foi a ideia de que a mulher tinha um amante que o levou à loucura. Começou a deixar de trabalhar e a dedicar-se a pensar na melhor maneira de pôr fim à vida da mulher. Em casa foram encontradas duas caçadeiras.

A relação com os filhos era afetada pela violência com que tratava a família: o casal tem dois filhos,



Filhos faltaram ao trabalho

● O CM tentou falar com os dois filhos do casal: Samuel e Fábio Santos, mas tal não foi possível, uma vez que os dois jovens faltaram ontem ao trabalho para estar junto da mãe, no hospital. Ao que o CM apurou junto dos vizinhos, os dois rapazes, de 25 e 19 anos, estão muito abalados com a situação. Os colegas de trabalho escusaram-se a adiantar quaisquer pormenores sobre o caso. ■



■ **Isolado.** Graciano Santos alugou uma casa depois da separação, há três meses. Não tinha vizinhos.

Samuel, de 25 anos, e Fábio, de 19, ambos bombeiros, de Mafra e da Malveira, respectivamente.

Ao que o CM apurou, antes da separação, a violência entre o casal era grande: as discussões e agressões físicas constantes. Por isso, Paula Santos decidiu afastá-lo de casa. Os filhos já não viviam com ela. Graciano alugou uma casa perto da casa da mulher, como forma de a controlar melhor. Vivia sozinho e não tinha vizinhos. A Polícia Judiciária prossegue com a investigação do caso. ■

CASOS RECENTES

28 mulheres já morreram este ano

Pelo menos 28 mulheres vítimas de violência doméstica foram mortas este ano



● **SINTRA** Teresa Mendes foi morta pelo ex-marido, no dia 9, à porta de casa, no Cacém.



FILHOS | BOMBEIROS

O filho mais novo Fábio Santos, de 19 anos, é bombeiro, na Corporação da Malveira, e esteve no local a prestar socorro à mãe. Foi avisado pelo irmão mais velho, que trabalha em Mafra



INEM | CONSCIENTE

De acordo com fonte do INEM, a vítima foi encontrada "consciente e cooperante". Foi encaminhada de urgência para o Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde permanece internada

MEIOS | JUDICIÁRIA E GNR

A GNR da Malveira foi logo chamada ao local, para onde foram enviadas várias patrulhas. Uma vez que o caso envolve armas de fogo, a investigação passou desde logo para a PJ

SAIBA MAIS

PERMANÊNCIA

A permanência das vítimas numa relação violenta está a diminuir, embora estas ainda sofram maus tratos antes de denunciarem o crime às forças de segurança, revelou a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

91

é a percentagem dos casos denunciados nos primeiros seis meses do ano à APAV em que existiam situações anteriores de violência doméstica.

12

é a percentagem do aumento de queixas de violência doméstica junto das forças de segurança no primeiro semestre deste ano face a igual período de 2008.

QUEIXAS DIÁRIAS
Desde Janeiro, PSP e GNR receberam 14 600 queixas (81 por dia), mais 1570 do que no mesmo período de 2008. Cerca de 74% são agressões físicas, 54% psicológicas e 1,1% agressões sexuais.

Viola, ameaça e sova a mulher

■ Uma mulher de Cantanhede acusa o marido de a ameaçar de morte, dizendo-se capaz de fazer o mesmo do que o autor da tragédia de Montemor-o-Velho – que assassinou a tiro a companheira e um militar da GNR. “A próxima és tu!”, diz Maria Manuela Costa ao desligar o telefone. “Era ele outra vez a ameaçar-me”, afirma, referindo-se a José Costa, de quem está separada há cinco meses.

Maria Costa, de 37 anos, tem o mesmo nome do que a mulher assassinada em Montemor-o-Velho. E José Costa lembra-o em cada telefonema: “Liga de madrugada e fala sempre nisso. Diz que até o meu nome é igual ao dela! Não aguento mais!”

Maria Costa fugiu da casa onde residia com o marido, na Sertã, em Junho, após várias cenas de violência. “Chegava a casa e batia-me. Por nada. Primeiro a soco e a pontapé, depois com facas, armas e machadadas.” Mas ele descobriu-a



Maria diz-se ameaçada pelo marido

Agredida a pontapé, soco e com diversos objectos

passado um mês. Numa noite, atacou-a à porta de casa, obrigou-a a entrar no carro e levou-a para a Sertã. “Aí violou-me, bateu-me, deslocou-me um ombro e espetou-me uma forquilha na cabeça”, conta Maria Costa. Na sequência da queixa, a PSP abriu um inquérito, que está a decorrer. ■ P.G.

“Agredi-a com uma forquilha”

● “É mentira”, diz José Costa, 46 anos, sobre as acusações da mulher com quem casou em Agosto de 2005. Mas admite tê-la agredido com uma forquilha: “Dessa vez foi agredida. Passei-me da cabeça. Estava perdido. Meteram-me coisas na cabeça... que ela estava à beira da estrada e tinha a miúda. Passei-me e até estive internado na psiquiatria. Ela pode estar desancada que não a vou agredir.” ■



Mulher era agredida em casa

Apanhados de surpresa

● “Não sei o que pensar desta situação, até porque o Graciano é uma pessoa que até agora não tinha feito mal a ninguém. A verdade é que o que ele fez é errado e a Paula não merecia uma coisa destas”, disse ao CM António Santos Ferreira, de 70 anos, amigo de Graciano. Os colegas da construção civil lamentam o facto de ultimamente o homem não ter muito trabalho e de “passar os dias no café.” ■



Amigos e vizinhos ficaram surpreendidos com o crime

● **MESSINES**
José Joaquim Sousa, de 56 anos, foi abatido, a 8 de Dezembro, pela ex-mulher com vários tiros de pistola que o atingiram no peito.



● **MONTEMOR**
Maria Manuela Costa foi morta, a 29 de Novembro, pelo ex-marido.

● **SINTRA**
Sandra Pontes e a amiga Marine-la foram violadas, torturadas e esfaqueadas até à morte pelo ex-companheiro da primeira, a 14 de Novembro.



● **MANGUALDE**
Joana Fulgêncio, de 20 anos, foi morta pelo namorado a 18 de Novembro.

● **MIRANDELA**
Margarida Marques, 36 anos, foi esfaqueada pelo companheiro a 28 de Outubro. A esquadra de Mirandela conhecia o caso.



● **SANTARÉM**
Maria Duarte foi morta a tiro pelo ex-namorado a 23 de Novembro no seu café.

● **MOITA**
Sandra Pereira, de 23 anos, foi assassinada no trabalho com um machado pelo ex-companheiro, de 26 anos, em Julho, em Chão Duro.



● **C. BRANCO**
Carla Sofia Martins foi degolada pelo ex-namorado a 15 de Novembro.

● **SEIXAL**
Em Outubro, um homem de 54 anos matou a ex-companheira, de 37, com uma dezena de machadadas na cabeça, pescoço e costas.



● **MATOSINHOS**
Paula foi baleada pelo ex-marido, no dia 10. Morreu três dias depois.